

Veja

27/10/1976

Carta ao leitor

Pela terceira vez, desde o início deste ano, VEJA dedica sua reportagem de capa às eleições municipais de novembro próximo — um tema que VEJA tem coberto com especial atenção em todo o país, ao longo dos quarenta números que circularam até agora em 1976. Desde janeiro, de fato, foram publicados oitenta reportagens ou artigos diretamente relacionados com as eleições municipais — algo como um quinto de todas as matérias veiculadas este ano pela seção Brasil. O esforço se justifica, sobretudo levando-se em conta que tal cobertura sempre se preocupou em ir buscar as informações na sua fonte real, ou seja, no interior dos Estados.

Das lutas familiares dentro da Arena de Exu (PE) às intrigas dentro do MDB de Campinas (SP), passando pelos conflitos entre Arena e MDB em Floriano (PI), VEJA tem procurado, assim, dar ao seu trabalho o sentido mais nacional possível. É o que mais uma vez ocorre com a reportagem de capa desta edição, um balanço de como vai indo a campanha em cada uma das maiores cidades do interior dos dez Estados — transformadas, na ausência de outras opções eleitorais para o Executivo, em campo das mais expressivas eleições diretas com que o país conta no momento. Para a elaboração deste trabalho, sucursais e correspondentes de VEJA se movimentaram de Porto Alegre a Recife durante as últimas três semanas — enviando o material que, com texto final dos editores-assistentes Augusto Nunes e Fernando Moraes, publicamos a partir da página seguinte.

Jornaleros ou golondrinos, no México. Braceros ou wet backs (costas molhadas), nos Estados Unidos. "Volantes", "safristas", "eventuais", "diaristas", "temporários", "avulsos" ou "bóias-frias" (expressão mais consagrada e sintomaticamente detestada pelos que assim são chamados), no Brasil. Definitivamente, nos tempos que correm, esse tipo de trabalhador rural não é um privilégio nacional. Só isto, porém, não chega a ser um consolo: na verdade, o crescente universo dos bóias-frias vem se transformando num dos mais formidáveis problemas do país. Na reportagem, que começa na página 120, com texto final do editor-assistente Geraldo Hasse, VEJA se dedica a um extensivo levantamento do dia-a-dia desse contingente que chega a representar 55% da mão-de-obra ocupada pela agricultura brasileira, hoje em dia. E, se de um lado os próprios bóias-frias procuram institucionalizar a sua condição — passando, por exemplo, a experimentar o recurso das reclamações trabalhistas —, também as autoridades já chegam a sugerir medidas como a organização de cooperativas ou sindicatos. De qualquer forma, é justamente nas regiões agrícolas mais dinâmicas, onde predominam as grandes propriedades exploradas empresarialmente, que o fenômeno dos bóias-frias tem se manifestado da forma mais penosa. O que leva a supor, ainda uma vez, que a busca de uma solução só poderia ser empreendida através de uma clara ação do governo — diante de um problema que é, acima de tudo, político.

J.R.G.

(Página 19)